

UM ESTUDO SOBRE A INTERVENÇÃO COM O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA INCLUSÃO EDUCACIONAL DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL

A STUDY OF THE INTERVENTION WITH THE PHYSICAL EDUCATION TEACHER FOR INCLUSION OF STUDENTS WITH VISUAL IMPAIRMENT

Maria Luiza Salzani Fiorini

Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília, Brasil

Marli Nabeiro

Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, Brasil

RESUMO: Objetivou-se identificar como o professor de Educação Física atuava para incluir um aluno com deficiência visual; intervir junto ao professor a partir das necessidades identificadas e, avaliar a intervenção. Os dados foram coletados em três etapas: 1) acompanhamento semanal e filmagem das aulas; 2) intervenção por meio da reflexão dos vídeos advindos da etapa anterior e sugestão de novas ações; 3) realização de filmagens para avaliar a intervenção. Antes da intervenção identificou-se que a explicação das atividades era coletiva, com instrução e demonstração, entretanto, para o aluno com deficiência visual, era realizada a ajuda física como primeira forma de instrução; a participação do aluno com deficiência visual ocorria em função da companhia de um colega da turma que, de mãos dadas, executavam conjuntamente as atividades. Na intervenção refletiu-se sobre estrutura da aula, formas de explicação das atividades e, estratégias e recursos para garantir uma participação prazerosa do aluno com deficiência visual. O treinamento de colegas tutores foi uma das estratégias. Após a intervenção foi identificado, nas aulas, o auxílio dos colegas tutores treinados; manutenção da explicação verbal e da demonstração, porém, a primeira forma de explicação, para o aluno com deficiência visual passou a ser a dica verbal.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física. Educação Especial. Formação de Professores.

ABSTRACT: It was aimed to identify how the physical education teachers worked to include a student with visual impairment; intervene with the teacher from the identified necessities and assess the intervention. Data were collected in three stages: 1) Weekly monitoring and filming the classes, 2) intervention by the reflection of videos coming from the previous step and suggesting new actions, 3) development of filming for evaluating the intervention. Before the intervention, it was identified that the explanation of the activities happened collectively. It was held the physical help as the first form of instruction, the student with visual impairment participation occurred depending on the company of a classmate who held hands and did the activities together. Along the intervention it was reflected about the structure of the classes, the ways of explanation of the activities and the strategies and the resources to assure an enjoyable participation of students with visual impairments. The training of peer tutors was a strategy used. After the intervention it was identified in the classroom the assistance of the trained peer tutors; the maintenance of oral explanation and demonstration, though, the first way to explanation for the student with visual impairment started to be the oral tip.

KEYWORDS: Physical Education. Special Education. Training of Teachers.

INTRODUÇÃO

A matrícula de alunos com deficiência no Ensino Regular tem desafiado os espaços escolares a construir novas lógicas de ensino (Jesus & Effgen, 2012). Especificamente na Educação Física, o transcorrer das aulas parece não ser tão tranquilo quando o professor defronta-se com a situação de alunos com e sem deficiência na mesma turma (Fiorini & Manzini, 2012).

O que se percebe é que, visando à inclusão educacional de alunos com deficiência, o professor necessita estabelecer estratégias de ensino e selecionar recursos pedagógicos adequados e/ou adaptados para que seu alunado desempenhe, adequadamente, as atividades (Seabra Júnior & Manzini, 2008). Todavia, o obstáculo tem sido a dificuldade dos professores de Educação Física em

elaborar procedimentos para que todos os alunos possam participar das aulas (Manzini, 2002).

Uma alternativa é o desenvolvimento de programas de formação para professores de Educação Física específicos ao tema inclusão (Fiorini & Manzini, 2012). A implementação desses programas tem, a cada dia, mais destaque, por colaborar com o surgimento de novas práticas educacionais (Chicon, 2005; Cruz, 2005).

Diante da necessidade de intervir junto ao professor de Educação Física para gerar impacto no ensino, ou seja, melhorar a qualidade das aulas para alunos com e sem deficiência, o presente estudo apresenta o seguinte problema de pesquisa: como o professor de Educação Física conduz a aula quando há um aluno

com deficiência visual? Como intervir para auxiliá-lo na inclusão educacional desse aluno?

Para atender essas questões, estabeleceram-se como objetivos: 1) Identificar como o professor de Educação Física atuava em situação de inclusão educacional de um aluno com deficiência visual; 2) Intervir junto ao professor de Educação Física a partir das necessidades identificadas; 3) Avaliar a intervenção.

MÉTODOS

PROCEDIMENTOS PARA SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

Os critérios de inclusão e exclusão para selecionar os participantes foram: 1) ser professor de Educação Física da rede regular de ensino; 2) ministrar aulas para alunos com deficiência visual; 3) ser voluntário.

PARTICIPANTES

O participante foi um professor de Educação Física que concluiu a Licenciatura em Educação Física no ano de 2005 e possuía Especialização em Educação Especial. O professor selecionado trabalhava em uma Escola da Rede Estadual de Ensino do Município de Bauru – SP e ministrava aulas para um aluno com cegueira total, do sexo masculino, com sete anos de idade e que estava matriculado no 1º ano.

PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

O presente estudo apoiou-se nos indicativos da pesquisa colaborativa, aquela realizada na parceria entre os profissionais da academia e os professores das escolas regulares (Jesus, 2010).

A coleta de dados foi delineada em três etapas.

Na etapa 1, por meio de observações e registros em filmagem, foi realizado o acompanhamento semanal de oito aulas de Educação Física em que o aluno com deficiência visual estava matriculado, com os objetivos de: 1) identificar como o professor de Educação Física atuava em situação de inclusão educacional de um aluno com deficiência visual, isso é, os conteúdos, atividades e formas de instrução ou explicação das atividades; 2) descrever como ocorria a participação do aluno com deficiência visual.

A etapa 2 consistiu na intervenção junto ao professor com a apresentação dos vídeos advindos da Etapa 1. Selecionaram-se trechos que exemplificassem a estrutura da aula (conteúdos e atividades), as formas de instrução ou explicação das atividades e, como ocorria a participação do aluno com deficiência visual. Os objetivos da Etapa 2 eram: 1) fomentar, com uma reflexão a partir dos vídeos, a prática pedagógica do professor de Educação Física nas aulas registradas na etapa anterior; 2) conjuntamente (professor e pesquisadores) propor ações a serem estabelecidas nas aulas de Educação Física que auxiliassem o professor a incluir o aluno com deficiência visual.

Ao todo foram realizados três encontros.

No primeiro encontro os temas discutidos, com apoio dos trechos das filmagens, foram: 1) a participação do aluno com deficiência visual que, conseqüentemente, remeteu-se à presença de uma colega de sala que o acompanhava e o auxiliava; 2) o ponto positivo de haver colegas que acompanhavam o aluno com

deficiência visual durante todas as atividades e aulas, porém, nas atividades de correr o “dar as mãos” limitava a participação do aluno; 3) os comportamentos de pressionar os olhos com os dedos e apalpar a orelha dos colegas.

No segundo encontro foi definido, em comum acordo com o professor, que diante da necessidade do aluno com deficiência visual ter uma participação mais independente nas aulas, seria realizado um treinamento com os alunos sem deficiência, voluntários, que auxiliavam o aluno com deficiência visual nas atividades da aula de Educação Física (Nabeiro, 2010; Craft & Lieberman, 2004).

No terceiro e último encontro da intervenção junto ao professor foram estabelecidos os critérios para a escolha dos Colegas Tutores. Estipulou-se que o treinamento de Colegas Tutores seria feito, em sua primeira e segunda etapa, com todos os alunos da sala, para que todos pudessem contribuir e se engajarem com a questão e, na terceira e quarta etapa com alunos indicados pelo próprio aluno com deficiência visual.

O treinamento de Tutores pautou-se no modelo tradicional de treinamento de Colegas Tutores elaborado por Houston-Wilson et al. (1997) e foi delineado em quatro momentos: 1) dinâmica com imagens; 2) sensibilização e vivência da deficiência visual com atividades em grupo; 3) treinamento específico; 4) avaliação escrita.

No primeiro momento do Treinamento, como se tratava de crianças do 1º ano e que ainda não eram alfabetizadas, optou-se pela dinâmica com imagens (Orlando & Nabeiro, 2009). As seis imagens retratavam situações do cotidiano escolar entre aluno com deficiência visual e alunos sem deficiência, para que as crianças da turma dissessem o que perceberam em tal figura, como agiriam neste caso e colorissem a parte representativa.

A “imagem 1” representou a ideia da responsabilidade que o colega tutor precisa ter ao proteger e desviar o aluno com deficiência do perigo. A parte a ser colorida era o espaço que representava o perigo.

A “imagem 2” foi sobre a locomoção do aluno com deficiência visual. O elemento principal e que foi colorido pelos alunos foram os braços das duas crianças desenhadas.

Na “imagem 3” foi abordado o respeito entre todos os alunos. O foco a ser colorido foi a criança desenhada ao centro de todas as outras e que representava o aluno com deficiência.

A “imagem 4” enfatizou o “system of least prompts”, ou seja, sistema de maior independência no qual objetiva-se a performance do aluno com o mínimo de intervenção. Salientou-se a importância da comunicação verbal, da informação auditiva, o narrar ao aluno com deficiência os fatos ocorridos e que irão acontecer. Passou-se a ideia da comunicação verbal.

A “imagem 5” continha uma situação de alunos brincando com bolas. O direcionamento da conversa foi no sentido de levar os alunos à percepção de algumas estratégias para melhor conduzir os movimentos do aluno com deficiência visual, por exemplo, rolar a bola com guizo até ele.

A “imagem 6” representou uma situação de uso da corda-guia, que pode ser utilizada na locomoção da pessoa com deficiência visual.

No segundo momento do treinamento realizou-se uma vivência em grupo para que todos os alunos da sala passassem por situações práticas com os olhos vendados.

No terceiro momento, treinamento específico, reforçou-se os modos de condução do aluno com deficiência visual que pode ser

segurando no braço do colega tutor, ou então, com a corda-guia; a importância da instrução verbal e a utilização desta como primeira fonte de informação dada ao aluno com deficiência; evitar puxões e empurrões, devendo sempre se identificar ao aluno com deficiência quando estiver se aproximando e, auxiliar e proteger o aluno com deficiência do perigo.

Especificamente sobre a corda-guia pautou-se nos pressupostos de Lierberman et al. (2001) que propõem, o uso de uma corda pequena, barbante ou cadarço de tênis, sendo o melhor comprimento o de 50 cm.

No *quarto momento* realizou-se a avaliação final, na forma escrita, com sete questões de múltipla escolha e uma questão aberta. As questões de múltiplas escolhas versaram sobre: 1) segurança do aluno com deficiência visual; 2) modos de condução; 3) aproximação e comunicação; 4) uso de objetos concretos; 5) *feedback*; 6) atividades de corrida e, 7) assistência física. Na questão aberta os alunos responderam o que eles acharam das três etapas do treinamento de colega tutor e como isto poderia contribuir para a participação do aluno com deficiência nas aulas de Educação Física.

O objetivo era analisar o grau de entendimento dos alunos com e sem deficiência sobre o assunto; o efeito que o treinamento para Colega Tutor teve em tal turma e, reforçar todo o conteúdo transmitido a eles (Souza, 2009). Todavia, a maioria dos alunos voluntários ainda não era alfabetizada e, por isso, a pesquisadora fez a leitura das questões e respostas, uma a uma, e a cada uma das alternativas de respostas os alunos concordavam ou não com o que estava escrito, até que chegasse a uma resposta.

Por fim, na *Etapa 3*, com o objetivo de avaliar o efeito da intervenção, o professor de Educação Física foi orientado a continuar o seu trabalho junto ao 1º ano em que o aluno com deficiência visual estava matriculado e foi proposto que ele praticasse o que havia sido construído conjuntamente, ou seja, esperava-se uma prática docente com um novo olhar para a participação do aluno com deficiência visual, estabelecendo a estratégia do colega tutor e observando a atuação dos tutores, segundo o treinamento proposto. Realizou-se o registro em filmagem de três aulas pós-intervenção.

PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Para analisar as filmagens das oito aulas acompanhadas, antes da intervenção, foram estipulados quatro passos: 1) Visualização das filmagens do dia; 2) Identificação da estrutura da aula, formas de instrução ou explicação das atividades e, também, participação do aluno com deficiência visual; 3) Recorte dos trechos em destaque conforme a Etapa 2; 4) Enumeração dos pontos para diálogo/temas da aula a ser apresentada e discutida juntamente com o professor de Educação Física.

Os dados das filmagens das três aulas de Educação Física pós-intervenção foram analisados com o objetivo de identificar se houve o estabelecimento, por parte do professor de Educação Física, da estratégia do colega tutor e demais estratégias sugeridas durante a intervenção e, identificar como estava a atuação dos tutores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

RESULTADOS REFERENTES À IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO ESCOLAR ANTES DA INTERVENÇÃO

A partir da análise das filmagens identificou-se que, a aula era organizada em parte inicial, principal e final. Em relação às *atividades*, elas foram aulas planejadas para a sala como um todo, sem especificidades ou adaptações em relação à inclusão do aluno com deficiência visual.

Além disso, as atividades eram peculiares à faixa etária e buscavam trabalhar as habilidades motoras, habilidades de circo, ritmo, resistência, expressão corporal e manipulação de objetos.

As atividades variaram entre brincadeiras de correr, circuitos e jogos livres.

Quanto à *explicação das atividades*, o professor de Educação Física, simultaneamente, demonstrava e narrava o movimento ou ação a ser realizada. Tratou-se de explicações a toda a sala, entretanto, sempre que o professor de Educação Física percebia a “dúvida”, por parte do aluno com deficiência visual, oferecia-lhe explicações individualizadas as quais eram realizadas por meio do toque do no aluno e/ou verbalmente.

Com relação à *participação do aluno com deficiência visual*, ele compareceu a todas as aulas e participou de todas as atividades, não tendo ficado fora, ou, sentado. A participação ocorria em função da companhia de uma colega que espontaneamente auxiliava-o e, também, por meio de dicas ofertadas pelo professor de Educação Física.

Outra característica dessa participação foi que, em atividades de correr, ele permaneceu de mãos dadas com o colega que o acompanhava, sem liberdade, sendo o colega quem ditava o ritmo e direção das corridas.

RESULTADOS APÓS A INTERVENÇÃO

Na primeira aula foi possível verificar que havia um aluno, que participou do treinamento de tutores, acompanhando o aluno com deficiência visual.

Quanto à explicação das atividades, o professor de Educação Física a fez verbalmente e iniciou por uma série de exercícios de alongamento com demonstração, sendo que os movimentos eram de conhecimento de todos os alunos. Durante o alongamento observou-se que o professor de Educação Física, ao detectar necessidade do aluno com deficiência visual, instruiu-o verbalmente, tendo ido diretamente ao ponto enfatizado no treinamento, que era a importância da dica verbal, tema abordado por meio da “imagem 4” durante o treinamento de tutores.

Também foi registrada a brincadeira do pega-pega. Para esta atividade o professor propôs para que o colega tutor utilizasse a corda-guia, estratégia proposta e vivenciada no treinamento. A corda-guia foi utilizada durante toda a atividade, sendo que em alguns momentos paravam de correr para arrumá-la ou pega-lá do chão. O mais interessante deste uso foi verificar que em muitas vezes foi o aluno com deficiência visual quem direcionou o correr da dupla, diferentemente de quando não usava a corda-guia, mas ficavam de mãos dadas e o aluno com deficiência visual sempre seguia para onde o tutor estivesse guiando.

Quanto ao sistema de maior independência proposto no treinamento foi, por parte do professor, mais efetivo, sendo

que ao se dirigir ao aluno com deficiência visual, utilizou como primeiro modo de comunicação a dica verbal e evitou a assistência física possibilitando, assim, maior independência, do aluno com deficiência visual, na execução das atividades.

Na segunda aula acompanhada realizou-se o alongamento com os mesmos movimentos realizados em nas aulas anteriores e, criou-se assim, uma rotina. Mais uma vez o aluno com deficiência visual estava acompanhado de uma colega tutora, participante do treinamento.

Houve nesta aula uma preocupação do colega tutor em que o aluno com deficiência visual realizasse tudo o que era proposto, demonstrando uma dedicação e responsabilidade. Por vezes, a colega tutora prestou a assistência física e o professor atento a eles, a corrigia e pediu que instruisse verbalmente.

Novamente utilizou-se a corda-guia e foi possível verificar a liberdade proporcionada pelo uso, isso porque, o aluno com deficiência visual ficou com os braços livres para movimentação.

Nesta mesma aula que o professor de Educação Física fez uma atividade denominada de circuito e que havia sido realizada nas aulas observadas inicialmente. A proposta foi planejada nos encontros da Etapa 2, sendo que anteriormente havia sido feita com o colega tutor e aluno com deficiência visual de mãos dadas. Na nova oportunidade, a colega tutora e o aluno com deficiência visual estavam unidos pela corda-guia. Criou-se uma situação propícia para se comparar e analisar tal estratégia.

Na terceira e última aula filmada, também houve um colega tutor acompanhando o aluno com deficiência visual durante toda a aula.

O ponto forte desta aula foi a realização de uma atividade que havia sido feita no acompanhamento inicial, mas criou-se a possibilidade de replanejar a mesma atividade, denominada de “batatinha frita 1, 2, 3”.

Assim como vivenciado por todos os alunos no treinamento para colega tutor, amarrou-se uma corda de uma trave a outra da quadra poli esportiva e, presa à corda havia uma argola, que se movimentava por toda a extensão da corda.

Seguindo a lógica da atividade, os alunos deveriam ir em frente com o objetivo de chegar ao outro lado da quadra, ou, retornarem caso rompessem com as regras. O aluno com deficiência visual segurou na argola e, respeitando as regras da brincadeira, movimentou-se para frente ou para trás, livremente, no seu próprio tempo e cadência de passo, ao mesmo tempo em que estava próximo ao Colega Tutor (Winick, 2004).

O uso da corda, como indicado na intervenção, mostrou-se uma nova possibilidade de trabalho para o professor de Educação Física em relação ao aluno com deficiência visual. Optar pela corda-guia e/ou pela corda poderá proporcionar uma participação cada vez mais efetiva do aluno com deficiência visual e permitir que a Inclusão se desmistifique e que o aluno com deficiência não esteja apenas presente das aulas, mas se beneficie com elas.

CONCLUSÕES

Identificou-se que, em função de adaptações simples realizadas pelo professor de Educação Física e de atitudes voluntárias de colegas da turma, o aluno com deficiência visual participava das atividades da aula de Educação Física.

A intervenção caminhou no sentido de aprimorar as adaptações habituais do professor, propondo novas adaptações, estratégias de ensino e recursos pedagógicos para as situações reais das aulas de Educação Física, ou seja, adotou-se como ponto de partida atividades que o professor já havia aplicado para a turma e, buscou-se realizá-las, novamente, com as novas proposições.

Dentre as novas ações, foi realizado o treinamento para colegas tutores, uma vez que os amigos da turma, naturalmente ajudavam o aluno com deficiência visual, porém, sem domínio das técnicas. Implementou-se, também, o uso da corda-guia, a qual, comparada à realização das atividades de mãos dadas, permitiu maior amplitude de movimento para o aluno com deficiência visual, ao mesmo tempo em que se manteve próximo ao colega tutor.

Avalia-se que a intervenção trouxe mudanças para a prática diária do professor de Educação Física na turma em que havia um aluno com deficiência visual, na medida em que as adaptações passaram a ser mais específicas para cada atividade e situação de aula e, para proporcionar maior independência ao aluno com deficiência visual, a verbalização passou a ser mais utilizada.

REFERÊNCIAS

- Chicon, J. F. (2005). *Inclusão na Educação Física escolar: construindo caminhos*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Craft, D. H. & Lieberman, L.J. (2004). Deficiência visual e surdez. Em: Winnick, J. P. (Ed.). *Educação física e esportes adaptados*. Barueri: Manole.
- Cruz, G. C. (2005). *Formação continuada de professores de Educação Física em ambiente escolar inclusivo*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Fiorini, M.L.S. & Manzini, E.J. (2012). *Dificuldades dos professores de Educação Física diante da inclusão educacional de alunos com deficiência*. [Trabalho completo]. Em: V Congresso Brasileiro de Educação Especial (p.1-12). São Carlos: Abpee.
- Houston – Wilson, C. et al. (1997). Peer tutoring: a plan for instruction students of all abilities. *Brazilian International Journal Adapted Physical Education Research*. (6) 68.
- Jesus, D.M. & Effgen, A.P.S. (2012). Formação docente e práticas pedagógicas: conexões, possibilidades e tensões. Em: Miranda, T.G. & Galvão Filho, T.A. (Eds.). *O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares*. (pp.11 -18). Salvador: EDUFBA.
- Jesus, D. M. (2010). O que impulsiona pensar a pesquisa-ação crítico-colaborativa como possibilidade de instituição de práticas educacionais mais inclusivas. Em: Jesus, D. M., Baptista, C. R. & Caiado, K. R. M. (Eds.). *Educação Especial: Diálogo e Pluralidade* (pp.139-159). Porto Alegre: Editora Mediação.
- Lieberman, L. J. & Houston – Wilson, C. (2009). *Strategies for inclusion: a handbook for physical educators*. Champaign: Human Kinetics.
- Manzini, E.J. (2002). Participação em aulas de educação física: o que alunos com deficiência visual e física relatam. Coleção prata da casa, (v. esp.), 81-85.

- Nabeiro, M. (2010). O colega tutor nas aulas de educação física inclusiva. Em: Mendes, E. G. & Almeida, M. A. (Eds.). *Das margens ao centro: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva*. Araraquara: Junqueira & Marin.
- Orlando, P. A. & Nabeiro, M. (2009). *Inclusion and physical education: learning strategies, teacher and tutor*. [Resumo]. In: The 17th International Symposium of Adapted Physical Activity (p. 101). Suécia: IFAPA.
- Seabra Júnior, M. O. & Manzini, E.J. (2008). *Estratégia de ensino e recursos pedagógicos para o ensino do aluno com deficiência visual na atividade física adaptada*. Marília: Abpee.
- Souza, J. V. (2009). *A tutoria: estratégia de ensino para inclusão de alunos com deficiência visual nas aulas de educação física*. [Resumo]. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Salvador: CBCE.
- Winnick, J. P. (2004). *Educação física e esportes adaptados*. Barueri: Manole.

NOTAS DOS AUTORES

MARIA LUIZA SALZANI FIORINI

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Unesp – campus de Marília.

salzanifiorini@yahoo.com.br

MARLI NABEIRO

Docente do Departamento de Educação Física, Unesp - campus de Bauru.

mnabeiro@fc.unesp.br

Apoio: PROEX

